

POR UMA EDUCAÇÃO DO MICRO: ENSAIO SOBRE EXPERIMENTAÇÕES NO CORPO

Carla Gonçalves Rodrigues¹

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas
cgrm@ufpel.tche.br

Paula Corrêa Henning²

Instituto de Educação e Programas de Pós-graduação Educação em Ciências e Educação
Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS)
paula.henning@ig.com.br

Resumo

Problematizar o campo da educação é o propósito deste texto. Nada além disso. Simplesmente, aceitar o desafio de fomentar o pensamento, de compor resistências e criações diante de discursos instaurados como verdadeiros neste tempo atual em que se consolida uma forma de ser, viver e sentir a educação. Uma tentativa de pensar a educação imersa e tramada no cenário desta atualidade é o exercício deste ensaio. Assim, tratamos a educação como um conjunto de processos pelos quais indivíduos se transformam ou são transformados por dispositivos culturais nos quais se situam elementos da arte contemporânea e da filosofia da diferença. Arnaldo Antunes, Eduardo Kac, Orlan, Gilles Deleuze e Félix Guattari são os interlocutores para o exercício proposto. Questionando a episteme moderna de gerenciar a educação, pensamos numa educação menos do macro e mais do micro, includente de cuidados éticos com os outros e cuidados estéticos consigo. Atravessa o texto a conhecida indagação com indignação: O que estamos fazendo de nós mesmos?

Palavras-chave: Educação; Modernidade; Filosofias da diferença; Agenciamentos.

Abstract

¹ Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

² Doutora em Educação pela Unisinos/RS. Professora Adjunta do Instituto de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande.

Problematizing the field of education is the purpose of this text. No more than that. Just accept the challenge of fostering the thought, of composing resistances and creations facing discourses brought forth as true at this present time in which a way of being, living and feeling education is consolidated. An attempt to think about the education that is immersed and structured in this current scenario is the idea of this essay. Thus, we treat education as a set of processes by which individuals change themselves or are changed by cultural devices in which elements of contemporary art and philosophy of difference are inserted. Arnaldo Antunes, Eduardo Kac, Orlan, Gilles Deleuze and Felix Guattari are the counterparts to the proposed idea. By questioning the modern episteme to manage education, we think of an education is that less of the macro and more of the micro, inclusive of ethical care with the others and aesthetical care with itself. Crossing the text there is the well-known question along with the indignation: What are we making of ourselves?

Keywords: Education, Modernity, Philosophies of difference; Intermediations.

Interessam as questões desta época. Temos a atenção potencializada para as formas de vida que vêm sendo habitadas nesta contemporaneidade. Vidas situadas em novos parâmetros de tempo, de espaço, de história, de individualidade, de causalidade. Talvez sejam estas algumas das variáveis mutantes que fortalecem a “certeza” de habitar outro mundo. Diferente de outrora. Variantes de um antes que servia para acolher com significado o que se passava em uma corporeidade. Pois, sob a proteção do guarda-sol paradigmático da Modernidade, sabia-se como realizar manobras subjetivas para amortecer os impactos dos estranhamentos vividos.

Sendo nossa episteme a Modernidade, há uma determinação da relação com o saber. Existe uma ordem intrínseca que nos faz pensar, ser e agir de uma determinada forma. Com isso, não acreditamos que existam saberes universais à espera de serem descobertos, mas sim saberes que são historicamente produzidos a partir da condição de possibilidade dada a contingência da Modernidade. Assim, a Modernidade ordenou e ainda ordena a validação dos discursos. A forma como vemos o mundo e vemos a nós mesmos é determinada muito fortemente por tal episteme. É ela que cria o campo das possibilidades e impossibilidades de nossas vontades de saber.



Os efeitos de uma determinada episteme são sentidos sempre em dois âmbitos, influenciando a vida social. Por um lado, determinam uma *política* e por outro, uma *ética*. Como política, esses efeitos interferem na maneira como se dá o governo da população, da coletividade, da cidade³. Como ética, interferem nos modos de governo dos sujeitos sobre suas próprias existências. Essas duas dimensões estão permanentemente conectadas, de modo que a produção do mundo da vida se dá numa tensão entre a política e a ética produzidas em determinada episteme. Falar dos nexos da episteme com a própria criação da modernidade (ética e política) equivale a fazer-se a pergunta trazida por Foucault no prefácio de *As Palavras e as Coisas*: “Que coisa, pois, é impossível pensar, e de que impossibilidade se trata?” (Foucault, 2002, p. IX)⁴.

Foucault ao apresentar a taxinomia dos animais do texto de Borges, nos coloca a pensar o quanto estamos submetidos àquilo que ele chamará de Pensamento do Mesmo. “Esse texto de Borges fez-me rir durante muito tempo, não sem um mal-estar evidente e difícil de vencer” (Foucault, 2002, p. XII). O mal-estar de que fala Foucault parece responder a essa dificuldade que temos de tratar aquilo que foge aos modos hegemônicos de ordenar e validar os saberes na Modernidade. Para todo pensamento existem regras de formação do pensar. A tal impossibilidade sobre a qual Foucault se pergunta, parece estar relacionada à tentativa de pensar na exterioridade da regra. Talvez o que cause estranhamento nesse texto de Borges – para nós, quando o lemos com os olhos modernos – seja a impossibilidade de localizar com precisão a taxinomia de que trata, tornando-o impossível de ser lido e compreendido sem algum mal-estar. É a falta do solo, da ordem, da superfície comum. Talvez pensar fora dessa ordem discursiva seja difícil para nós. A impossibilidade a que se refere Foucault parece ser a de pensarmos outras formas de ser, estar e viver no mundo contemporâneo.

Assim, os modos de pensar resultam de uma tensão dos modos de saber hegemônicos com modos de saber que escapam à convenção, tornando possível, mas ao mesmo tempo difícil e arriscado, pensar em dissonância ao já sabido. É com esse risco e essa dificuldade que nos deparamos recorrentemente com discursos

³ Se num determinado momento o governo se dava por um princípio de racionalidade da justiça soberana, Foucault vai mostrar que a partir do século XVII vimos experienciando uma outra forma de governo: o governo racional do Estado. Um governo que coloca em funcionamento técnicas de dominação aplicadas sobre si mesmo e sobre os outros.

⁴ A pergunta a que nos referimos é anunciada por Foucault quando, ao apresentar seu livro de 1966, anuncia um texto de Borges. Perturbando a tranquilidade do nosso pensamento, o texto citado evidencia outras formas, não convencionais para nós, de pensar, problematizando assim a nossa única e Mesma maneira de colocar em funcionamento nossos pensamentos, dito por Foucault como uma “prática milenar do Mesmo e do Outro” (FOUCAULT, 2002, p. IX).

educacionais da atualidade, onde na maior parte das vezes, há uma reiteração do já sabido, onde o pensamento se rende ao solo positivo da episteme moderna.

Nessa paisagem moderna, situa-se a educação. Mas qual educação ainda é possível nomear? Talvez uma educação menos voltada às significações, à ordem do saber, aos princípios hierárquicos, ao juízo e à crítica, à centralidade dos sujeitos sejam eles docente ou discente. Para além da sala de aula? Será que por aí algo se abre?

O que este texto propõe é uma tentativa de pensar a educação imersa e tramada no cenário desta atualidade, tratando-a como um conjunto de processos pelos quais indivíduos se transformam ou são transformados por dispositivos culturais nos quais se situam elementos da arte contemporânea e da filosofia da diferença. Problematizar o campo da educação é o propósito deste texto. Nada além disso. Simplesmente, aceitar o desafio de incitar o pensamento, de compor resistências e criações diante de discursos instaurados como verdadeiros neste tempo atual em que se consolida uma forma de ser, viver e sentir a educação.

Agenciamentos Maquínicos do Desejo

Vive-se em um mundo, predominantemente, de códigos e territórios decifrados. De categorias da Representação dirigindo o olhar para aquilo que se deve perceber e o modo correto de compreender. De pensamentos já pensados e da contemplação do que é por outros experimentado. Coexiste, nesse análogo mundo estéril, o destino da criação de novos devires como invenções potencializadas na experiência possível, não somente no real vivido, mas inclusive do impossível ou do impensado.

Na perspectiva teórica adotada, este texto também apodera-se do pensamento deleuze-guattariano quando descerrou o caminho das variações múltiplas da matéria, desde a publicação de *Mil platôs* (2007). Aí é fortalecido o interesse pela diferença, tendo-a, mais do que nunca, como um princípio que tensiona e põe a vazar as determinações dos modelos e das cópias. Uma concepção aqui tida como bastante singular, visto que trata a matéria como uma multiplicidade rizomática, heterogênea e a-hierárquica. E o mundo como uma multiplicidade de variação contínua, aberta a conexões, constituída por fluxos e intensidades. Sendo assim, talvez a educação possa ser concebida como um catalisador processual do pensamento ou, quem sabe, o motor de uma maquinaria que funciona desta ou daquela forma, mas capaz de



interrogar as determinações burocráticas e servis do pensamento orgânico do Estado, assim como, a intelectualidade disciplinada pelos arranjos de poder.

Então, parece caber a pergunta: Quais agenciamentos a educação é capaz de construir nesta contemporaneidade? Que elementos ela dispõe, põe e reúne para formar um conjunto? Que relações são fabricadas em tais arranjos de coisas? E como eles funcionam, como se vinculam? O que produzem na conjugação realizada, quais fluxos habitam, quais signos são emitidos? Construir réplicas para tais questões indica um caminho que, porventura, acena para aquilo que ainda é nomeado por perspectivas e limites no campo educacional.

Por ora, máquinas artísticas e máquinas filosóficas permitem colocar em movimento alguma renovação das formas educacionais, tanto de conteúdo como de expressão, fortemente entrelaçadas. Através da relação inicial de vizinhança entre termos heterogêneos e independentes, tanto da arte contemporânea como da filosofia da diferença, é possível produzir singularidades, includentes da constituição de novas subjetividades.

Difícil tem sido tramar todos os elementos de um conjunto não homogêneo. Inicialmente aparenta obscuro os fazer funcionar juntos, quando eles deixam de exercer um desenvolvimento organizado e harmonioso na tentativa de manutenção da forma essencial. Para tal, é necessário deslocar um centro de gravidade sobre uma linha abstrata: eis aqui a definição de agenciamento maquínico, cunhada por Deleuze com Parnet em *Diálogos* (1998).

Segundo Deleuze (1998), existem máquinas que abrem sucessivos e novos agenciamentos, liberando partículas, produzindo singularidades, gerando encontros inesperados e inexplicáveis. E há aquelas que fecham agenciamentos, realizando totalizações, homogeneizações, estratos classificatórios. Tudo vai depender da potência desejante do campo subjetivo em que se elaboram as conjugações de matérias e da capacidade de abertura para o sensível do indivíduo experimentador.

Cada indivíduo lida tanto com agenciamentos molares como moleculares. Os primeiros são definidos por códigos específicos, caracterizam-se por formas relativamente estáveis e por um funcionamento reprodutor. Reduzem o plano de experimentação em que circula o desejo a algo preestabelecido. Fortalecem identidades subjetivas dominantes. Reforçam modos de vida socialmente estabelecidos e modelam a existência. Os agenciamentos moleculares favorecem a circulação do desejo sobre o modo como se constitui o próprio arranjo de matérias.

Dos dispositivos artísticos aqui reunidos, acredita-se que há alguma força para tensionarem o desejo, o que passa nos modos de sentir, agir e pensar. É isso que procuramos demonstrar a seguir. Muita coisa indica que a rachadura, por eles realizada, na organização essencial que constitui suas matérias, opera nas formas constitutivas de um sujeito em que sua experiência produz efeitos no corpo, em que algo transita necessariamente na superfície de sua substância física.

Qual o Lugar do Corpo na Educação Contemporânea?

Música, tecnologia e arte carnal. Aproximação de repertórios que convergem dizendo algo à educação. Nesse movimento de escuta, primeiramente, lembramo-nos daquele final de tarde, bem quando era finalizado um longo texto sobre a escrita acadêmica, em que saiu da bolsa de uma amiga o livro com o CD denominado *2 ou mais corpos no mesmo espaço* (Antunes, 2005). Rapidamente foi acomodado para tocar o disco no aparelho de som. Inicialmente, o livro não foi folheado. Foi nessa ocasião, a primeira vez da experimentação da arte poética de Antunes. Antes disso, havíamos curtido, desde cedo, os Titãs⁵. Mais tarde, os Tribalistas.

A voz do artista sempre deixou eco nos nossos sentidos. Contudo, a escuta atenta de *Átomo indivisível* provocou alguma torção na audição. Mais do que isso, seguida da leitura do texto, incitou reviravolta no pensamento. Ali verificamos que a razão não dava conta de dizer daquilo que nos tocava. O que *Átomo indivisível* produziu em nossa corporeidade? Não sabemos dizer ao certo. A gramática e a sintática talvez não sejam suficientes para depor sobre um sem-sentido manufaturado. O sujeito da palavra falha. A arte atual favorece operar com outra posição para o sujeito da educação: um sujeito diminuto em termos mecânicos e matemáticos. Porventura, um indivíduo que tem sua existência menos amarrada à razão, visando significar o tempo todo e, mais atento à experiência do viver em um mundo das coisas e das palavras, bem como em um mundo “invisível”, também feito de elementos sensíveis.

Ora, quais são os elementos que possibilitam o exercício de um viver, prioritariamente, na própria imanência da vida? Podem ser as forças, os vetores, as intensidades, a diferença de energia presente naquilo que é experimentado e que instala estados diferentes no pensamento. Situações outras, isto é, devires e transformações que atravessam a razão. Sendo assim, a constituição do sujeito é

⁵ Grupo musical brasileiro.



mais um processo de variações, de diferenças, do que a determinação de uma identidade. Quem sabe... Um indivíduo mais spinoziano, um sujeito dos afectos, que é afetado pelo poder da música de Antunes, em que “a teia se agita, o crânio se dobra, um pouco de pele se desnuda” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 74).

Diante da impossibilidade de representação da realidade através da palavra significada, o exercício que arranca perceptos da percepção distancia-se da abstração. Ele passa a exigir mais da ação cognitivo-sensível, atentando, em conjugação com os estados de devir suscitados pela experimentação, para aquilo que se passa no corpo e entre eles.

Assim, a experimentação poética vivida indica efeitos extraídos desse experimento: ousadia na combinação das palavras construindo variações no significado. Estranha linguagem que elabora seus paradoxos, analogias e ambiguidades. Contágio entre o que se ouve e o que se lê. *Átomo indivisível* no qual o sentido literal das palavras é contorcido de acordo com intervenções estéticas. Com elas, cria ruídos e, por vezes, desenham-se imagens. Oferece forma e cor ao texto escrito, possibilitando a interação do leitor na ativação do pensamento. Campo de experimentação concedendo crise à correspondência unívoca entre uma palavra e aquilo que ela representa. Linhas, curvas, traços, manchas, borrões, som metálico, tom minimalista. Desfazimento das separações. Misturas se dão aí.

Em um segundo momento, do conjunto artístico em destaque, revelamos sobre o encontro com o trabalho de Eduardo Kac, artista brasileiro da atualidade. Em 2000, ele causou polêmica com sua obra *GFP Bunny*. Ele introduziu genes de fluorescência numa coelha, amparado pela engenharia genética. O resultado oferece um animal que emite luz verde, sob luz azul. Kac chamou atenção para o fato de que a coelha era perfeitamente saudável e ele assumiria responsabilidade por seu bem-estar. O objetivo inicial do artista era trazer a coelha para viver com ele e sua família em Chicago, coisa que lhe foi negada pelo laboratório francês onde a coelha foi gerada, mantendo-a em cativeiro. Desde então, o artista começou a espalhar para o mundo a história de Alba.

De vários modos, Kac com sua Alba atua sobre princípios e critérios de referência que guiam a existência do sujeito contemporâneo no contexto social em que se insere (Eis a arte e a filosofia em intensa conexão!). A constituição do sujeito está em questão nas práticas artísticas atuais. Especialmente essa prática evoca diversas problematizações acerca dos limites entre arte e vida, das relações do

homem com a máquina. Também no que tange aos limites éticos de atuação e intervenção do ser humano na natureza, à manipulação e transformação do corpo no uso de tecnologia. O que somos capazes de fazer com nosso corpo com toda essa tecnologia ao dispor? Qual o limite para as mutações corporais realizadas pelas mãos do próprio ser humano?

Por fim, Orlan. Artista francesa que usa o seu corpo e os procedimentos de cirurgia plástica para fazer arte carnal. Desde 1990, ela vem passando por uma série de intervenções cirúrgicas, com modificações no rosto, modelado em Vênus, Diana, Europa e Mona Lisa. Procura chamar a atenção para a noção de que a beleza é construída pelo homem, atendendo seus caprichos e originando prazeres. A artista trabalha de forma radical com seu corpo, fazendo indagações sobre o status corpóreo na sociedade. Uma tentativa violenta de quebrar os padrões estéticos e artísticos do mundo ocidental.

Com Orlan, algo é tensionado nas certezas delineadas pelo pensamento guiado por um paradigma de outro tempo. Sua arte submete a racionalidade à perda radical do seu eixo de referência. No mínimo, emerge mais uma vez a inocente pergunta: Isso é arte? Já não resolve simplesmente o ato de negar, dizendo: Isso não é arte! Ela continua aí, existindo naquilo que de imediato se não consegue enunciar através da prescrição de regimes de verdade para as expressões artísticas nos dias de hoje. Entretanto, o experimento ativa o pensamento através das pequenas ou grandes variações realizadas na sensibilidade. Sob diferentes graus de intensidade, estremecemos nas cócegas feitas pelos afectos que circulam em nós, desestabilizando as formas que antes havia assumido. Desobstruem-se algumas saídas que estavam sendo barradas para chegar mais perto daquilo que estamos em vias de nos tornarmos.

Se este texto propõe pensar a educação imersa e tramada no cenário desta atualidade, sem maiores dúvidas, ele acolhe a latência da questão: O que é mais importante ser ensinado do trabalho de Orlan, Kac e Antunes? Que saberes e competências desenvolvem-se para um trabalho que visa relacionar educação, arte e filosofia? Na perspectiva que, por ora, estamos tentando desenvolver, aprender pode vir a ser uma abertura de si às diferenças. Abrir diferenças de pensamento a partir de práticas estéticas concretas, apresentadas pela arte contemporânea. Colocar o corpo a vibrar no encontro com o inédito que faz ver e ouvir sobre as estratégias de formação de sujeitos nesta atualidade. Ativar a atenção para os cuidados de si, como



bem lembra Foucault (2004). Mais do que isso, criar condições para conquistar ou reconquistar, na própria subjetividade, um estado no qual seja possível suportar a contingência das formas, podendo desgrudar de modos de ser absolutizados, vividos como identidades.

O que estamos maquinando é a ideia de uma educação da multiplicidade, em que possamos atentar para as diferentes formas e entrelaçamentos com que a arte, a filosofia e as ciências educativas se oferecem nesta contemporaneidade. Dependendo do tipo de agenciamento realizado, alterações perceptivas são favorecidas, assim como tais alterações auxiliam no arranjo potente de variadas coisas e ideias. Esse movimento incessante possibilita a perda do eixo de equilíbrio do corpo experimentador. Alias, bem lembra Nietzsche (2001) de que é necessário aprendermos a dançar a beira de abismos... Novas imagens são produzidas e articuladas através da conjugação realizada. E, desse modo, constroem-se sentidos, outras formas de expressão e de conteúdo com aquilo que é capturado pelos signos por elas emitidos.

Deleuze com Guattari (1999) dizem que inventar um corpo intensivo, um corpo sem órgãos, é um exercício, uma experimentação inevitável diante da impotência das significações. Também alertam para a impossibilidade de um viver em estado de desequilíbrio permanente. O experimento aqui relatado, além de favorecer desabamentos, vem prenhe de vontade de forma, geradora de um novo equilíbrio diante da desestabilização, reterritorializando modos de viver.

A nós, professores e pesquisadores interessados por este campo de saber da educação, caberia travar alianças potentes para que provoquemos os sujeitos desse mundo a pensar em micropolíticas possíveis para continuarmos a viver a educação sob outras perspectivas, com desequilíbrios necessários para continuar cutucando nosso pensamento. Uma escuta da vida, uma escuta do mundo que possibilite espaços de resistência e criação diante da uniformização educacional. Talvez seja necessário pensar em pequenas ações diárias que nos provoquem a olhar para o mundo com possibilidades de compormos um pensamento minoritário para a educação. Falamos de pequenas ações que possibilitem uma ética política para pensar a educação.

Até aqui podemos enunciar uma educação que tenta assegurar menos objetividades. O que isso quer dizer? Estamos tentando mapear elementos de uma educação que não atende somente a um controle da verdade, a uma desumanização

dos acontecimentos que constituem nossas subjetivações, reduzindo o sujeito a um número, a uma estatística, a uma categoria de análise. Uma educação que não empobrece a racionalidade com narrativas da certeza, mas que potencializa a criação, a invenção, a diferença, a variação, outras forma de viver.

Investir em projetos e espaços para pensar a educação no cenário contemporâneo torna-se indispensável diante das relações que vimos estabelecendo com o mundo. A escola, a mídia, a família e outros tantos lugares podem provocar novas discussões para este campo, entendendo-o como um importante instrumento de ação política na sociedade atual. Talvez pudéssemos provocar os sujeitos com os quais convivemos a pensar possibilidades de resistência e criação ao olhar a educação para além da objetividade e verdade que se já se impregnou em nosso pensamento. Talvez pudéssemos, aceitando o convite de Guattari (1990), pensar na criação de uma ecosofia, produzindo espaços éticos e políticos para este campo que nos debruçamos a olhar e investigar. Quem sabe possamos provocar o pensamento e constituir nossas pesquisas, marcadas por uma educação minoritária, como uma singela ferramenta para constituição de uma máquina de guerra (Deleuze & Guattari, 2007). Poderia ser possível, desde que conseguíssemos assumir a provocação de Guattari (2006) gerindo-a numa via de ressingularização.

Sem maiores dúvidas, o que aqui defendemos é uma educação menos do macro e mais do micro, incluindo de cuidados éticos com os outros e cuidados estéticos consigo. Quer queiramos, quer não, vive-se neste tempo. Tempo de muitos acontecimentos que nos tiram do lugar comum: tempos de pânico, de velocidade, de ansiedade, de solidão, de AIDS, de famílias anucleadas, de câncer, de células-tronco, de telefonia celular, de clonagens etc. Tempo em que crianças são jogadas por janela de edifício, em que políticos carregam dinheiro escondido em suas vestimentas íntimas. Pulula a conhecida indagação com indignação: O que estamos fazendo de nós mesmos? Que seja possível, para cada um de nós, arquitetar um corpo sensível para os acontecimentos deste tempo. Corpo este com fendas para perceber os efeitos das sensações que nele vão surgindo, por meio das relações estabelecidas com as matérias que o põem em agitação. E, assim, reconfigurar formas de vida a partir daquilo que o desestabiliza!

Referências Bibliográficas

Antunes, A. (2005). *2 ou + corpos no mesmo espaço*. (3.ed.) São Paulo: Perspectiva.



- Deleuze, G., & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2007). *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia – vol V*. 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. 34.
- Díaz, E. (s/data). *Michel Foucault. Los modos de subjetivação*. Buenos Aires: Editorial Almagesto.
- Foucault, M. (2002). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2004). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: M. Foucault, *Ditos e Escritos V – Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Guattari, F. (1990). *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus.
- Guattari, F. (2006). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- Nietzsche, F. (2001). *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.